

# O estudo da Idade Média em livros didáticos e suas implicações no Ensino de História

*Nucia Alexandra Silva de Oliveira\**

**Resumo:** Este texto estuda como livros didáticos tematizam a chamada Idade Média e observa as implicações de tais estudos sobre o Ensino de História. A intenção é perceber de que maneira questões como o conceito de Idade Média são apresentadas em livros didáticos e quais temas do mundo medieval são apresentados à leitura. Durante muito tempo a associação da Idade Média com a longa noite das trevas ou com os mil anos de trevas construiu saberes sobre o período. E hoje: o que temos? Que ideias meninos e meninas têm desse período? Como estudantes de graduação do curso de História descrevem a Idade Média. Essas e outras abordagens estão presentes neste texto que propõe o debate sobre o ensino de História medieval em escolas.

**Palavras-chave:** Livro didático, Ensino de História, História Medieval.

**Abstract:** This paper studies how textbooks present the period called Middle Age and observes the implications of such studies on the Teaching of History. The intention is to see how issues like the concept of Middle Age are presented in textbooks and which themes of the medieval world are presented to the reading. During a long period the association of Middle Age as the long

---

\* Professora de História da Prefeitura Municipal de Florianópolis. E-mail: nucia.oliveira@gmail.com

night of darkness or the thousand years of darkness constructed knowledge about the period. And now: what do we have? What ideas do children have about this period? How graduate students describe the Middle Age. These and other approaches are present in this text that suggests the debate over the teaching of medieval history in schools.

**Keywords:** Textbooks, Teaching History, Medieval History.

## Considerações iniciais

No texto-verbete “Idade Média” do *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*, obra organizada por Jacques Le Goff e Jean-Claude Schmitt, Christian Amalvi traz a seguinte conclusão:

Idade Média não existe. Este período de quase mil anos, que se estende da conquista da Gália por Clóvis até o fim da Guerra dos Cem Anos, é uma fabricação, uma construção, um mito, quer dizer, um conjunto de representações e de imagens em perpétuo movimento, amplamente difundidas na sociedade, de geração em geração [...] (AMALVI, 2002, p. 537)

Fabricação, construção, mito, representações... nessas palavras encontra-se uma definição, ou ainda, a conclusão de que ao longo dos tempos e através de diversos e ricos conjuntos representativos o período medieval tem sido construído e reconstruído com diferentes objetivos e por diferentes grupos. Mais ainda: na fala de Amalvi está expresso o fato de que a definição da Idade Média - seja em seu conceito, seja nos movimentos estabelecidos para o seu estudo - esbarra na questão mitológica: o “mito da Idade Média”. Especialmente aquela versão que a define como... a Idade das Trevas!

Idade Média... Idade das trevas! Muitos podem pensar ao ler/observar essa associação que se trata de algo em desuso, contudo para além de uma batalha vencida a associação do período medieval como a ideia de treva (esta significando a ausência de produção cultural e outros saberes de “luz”) tem uma longa história

e muitas vezes ela pode ser mais próxima de nossa tempo do que imaginamos ou desejamos. Afinal: quantas vezes não ouvimos críticas àqueles que porventura tem um comportamento fora daqueles tidos como “civilizados” serem chamados de “bárbaros”? Quantas vezes não encontramos o adjetivo medieval ser usado para definir comportamentos violentos? Ou ainda, quem nunca ouviu alguém dizer “não vivemos mais na Idade Média” desejando exaltar a mudança de comportamentos para atitudes “inovadoras” ou “modernas”? Vendo por esses fatos pode-se afirmar que o conceito de Idade Média construído a partir da ideia preconceituosa de que esse período foi marcado por hábitos violentos e pela inexistência de uma produção cultural (entre outros questões) está presente em nosso imaginário. E ainda: a ideia de um período de atraso na história da humanidade é uma das principais definições desse momento histórico.

Percebendo tais questões o presente texto tem intenção de se colocar no debate sobre o assunto problematizando o conceito de Idade Média a partir de uma investigação em livros didáticos. A intenção mais específica é perceber como os manuais produzidos e publicados no Brasil têm apresentado aos seus leitores o período chamado Idade Média. Entre outras perguntas surgem questionamentos como: de que maneiras o período tem sido caracterizado? Ou seja, que elementos são usados para definir o período... que acontecimentos são destacados e como são descritos? Que costumes são mostrados?

Esta investigação se mostra importante e por vários motivos. Primeiro, visto a inegável presença dos livros didáticos em sala de aula construindo saberes e direcionando discussões e por outro lado por ser possível observar de que maneira os estudos medievais no Brasil tem (ou não) provocado mudança na forma de tematizar o assunto. Vale destacar que um dos objetivos deste texto é também pensar como o conceito de Idade Média e o próprio período são estudados e como são construídos saberes sobre os mesmos, por essa razão são trazidas algumas das impressões colhidas com estudantes de História do ensino fundamental e do ensino universitário.

## Alguns apontamentos sobre o conceito de Idade Média e os estudos medievais

A historiografia medievalista tem se preocupado em mostrar que o termo “Idade Média” tem história e que esta é repleta de perspectivas que se alternaram ao longo do tempo, não apenas mistificando o período chamado de medieval, mas também inserindo-o em meio a polêmicas.

Jacques Le Goff, autor de inúmeras obras sobre o período medieval, é um dos historiadores que procuram enfatizar essa perspectiva. O mesmo, em livros como *Uma longa Idade Média e Em busca da Idade Média*, preocupa-se em questionar “os lugares comuns”, as definições cronológicas fechadas e demais “problemas” que percebe na definição do período. De acordo com ele, dois momentos históricos definiram esteriotipadamente a Idade Média. Primeiro os séculos XIV e XVI e posteriormente o século XIX.

Inicialmente temos uma visão preconceituosa, pois quando os humanistas definiram como tempo intermediário o período compreendido entre eles próprios e a antiguidade o fizeram tomando como parâmetros ideias como flagelo e ruína. Para eles, o tempo compreendido entre a antiguidade e a modernidade, ou seja, a Idade Média, seria de atraso e vazio cultural. Vale lembrar as palavras de Hilário Franco Junior referindo-se aos homens e mulheres dos séculos XV, XVI e XVII: “a ‘Idade Média’ teria sido uma interrupção no progresso humano, inaugurado pelos gregos e romanos e retomado pelos homens do século XVI. [...] Também para o século XVII os tempos “medievais” teriam sido de barbárie, ignorância e superstição” (2002, p. 10-11). Por sua vez, no século XIX teria havido uma construção romântica do medievo desta vez sendo formada a versão Idade Média como Idade das luzes. Ainda de acordo com Le Goff essa construção ocorreu frente ao movimento nacionalista, sobretudo na França, que passou a buscar fatos e personagens medievais cujos valores fossem relevantes para a identidade nacional, como é o caso de Joana D’arc. Como ele próprio sintetiza, a partir deste ponto de vista

de busca por origens “a Idade Média tornou-se um folclore, uma espécie de infância da nação, felizmente atingindo a idade adulta com o Renascimento” (LE GOFF, 2008, p. 63).

Seja como preconceito e negação, seja da forma elogiosa visando mais do que uma recuperação, um elogio contínuo, as definições da Idade Média como trevas ou luz mais recentemente têm sido observadas de modo bastante criterioso. Na verdade, ambas têm sido continuamente negadas no sentido de uma apreensão mais abrangente do período e de todos os acontecimentos que nele tiveram espaço. Sabe-se da importância didática das periodizações, e que seu uso inevitavelmente fez, faz e fará parte do processo de produção do conhecimento histórico e de sua sistematização como disciplina escolar. Assim pensa-se mais num uso reflexivo da periodização. O próprio Le Goff (2008, p. 12) propõe a reflexão sobre a necessidade de pensar a periodização:

A periodização é uma racionalização, oferece vantagens como permitir uma abordagem “científica” do conhecimento do passado e especialmente do passado em relação ao presente, porque o período ocupa um lugar na cadeia temporal. Mas também apresenta riscos, em particular os da simplificação e do achatamento da realidade histórica. [...] só é um bom instrumento para o historiador se houver condição para seu método científico seja o de uma ciência que não tenha a rigidez das ciências naturais.

Pensar a periodização como racionalização é considerar que ao definir um determinado momento o historiador faz as suas escolhas elegendo aquilo que será lembrado e/ou esquecido. Da mesma forma, racionalizar um período é lhe atribuir mais do que uma convenção temporal ou ainda uma única característica – tal qual fizeram os renascentistas, os modernos ou os românticos com o período medieval. A produção sobre qualquer período sobre o qual nos referimos como período histórico, sabe-se, portanto, é fruto das escolhas dos historiadores que produzem e inventam a História.

Sem elogios excessivos, nostalgias ou recusas pejorativas, Le Goff propõe pensar a Idade Média de modo a historicizá-la em todas as suas facetas sem essa ou aquela intenção pensada a

priori, mas sim com o propósito que cabe ao historiador: pensar o homem no tempo. Para ele a “História é a ciência do homem no tempo” e isso leva o trabalho do Historiador não à identificação de fatos ou pessoas mas para a compreensão sobre as possíveis mudanças de um determinado contexto. Em suas palavras: “é essencial renunciar tanto à imagem negra quanto à imagem dourada. De resto, como quase todas as épocas, a Idade Média foi uma mistura de êxitos e derrotas, de felicidades e de dramas.” (LE GOFF, 2008, p. 53).

É por conta disso que se pode dizer que a Idade Média pensada nos últimos tempos tem sido inventada e reinventada, sendo esse processo observado desde meados do século passado paralelamente ao movimento de produção da chamada Nova História. O processo de renovação da História articulada a partir da Escola dos Annales lançou desde então gerações e gerações de historiadores a projetos cujos objetivos e metodologias eram (e são) distintos em relação aos modelos presentes até então. Desde lá e passando por outros processos de inovação tem se apostado na revisão de temas e conceitos e na descoberta de questões silenciadas. A História Medieval talvez esteja entre os campos que mais imediatamente foram tocados pela “inovação” da Nova História. E “prova” disto está na publicação das obras de Georges Duby, Jean-Claude Schmitt e do próprio Le Goff que partiram dos ideais lançados por Marc Bloch e Lucien Febvre e passaram a pensar a “Idade Média” a partir da história das mentalidades, das imagens e gestos, do imaginário, etc. (Amalvi, 2002. p. 548). Exemplo disso é a publicação dos livros *O domingo dos Bouvines* (Duby, 1973), *Montaillou, povoado occitânico* (Ladurie, 1975) e *O Nascimento do purgatório* (Le Goff, 1981). A partir daí o campo de investigação apenas cresceu contando em nosso tempo com uma grande quantidade de estudos que não apenas investigam a Idade Média, mas também contribuem para a sua definição de um modo muito diferente daquele fechado e definitivo apresentado séculos atrás.

Estes estudos têm tido espaço também no Brasil. José Rivair Macedo destaca no texto *Os Estudos Medievais no Brasil: Tentativa de*

*síntese* que a História Medieval há muito tempo tem despertado o interesse dos brasileiros, mas só recentemente é que esse campo tem alçado uma maior atenção no que diz respeito à realização de estudos. As dificuldades se dão por conta ora da carência de recursos técnicos para a formação acadêmica, ora pelo acesso mais limitado nos centros de pesquisa e documentação. Mas o referido pesquisador situa o Brasil como espaço de um “grupo crescente de professores ou pesquisadores envolvidos diretamente com a discussão de temas, problemas e objetos de estudo relativos ao período histórico da Idade Média”.

A ideia é semelhante à de Hilário Franco Junior e Mário Jorge da Cunha Bastos que no texto “L` Historie du Moyen Age au Brésil” também trazem informações sobre a formação do campo no Brasil. De acordo com eles é a partir dos anos 30 que teve início o interesse pelos estudos medievais no Brasil sendo que esses começaram de um modo “tímido”. Esse início está associado à formação da Universidade de São Paulo quando uma equipe de professores composta de franceses, italianos, alemães e portugueses (entre eles Fernand Braudel, Claude Levi-Strauss, Roger Bastide, entre outros) veio ao Brasil influenciando na estruturação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH-USP) e na própria historiografia brasileira. Assim, a partir da formação da FFLCH é possível perceber o lento início da formação de historiadores brasileiros que adentrariam no campo dos estudos medievais. Fato que se percebe através da publicação das primeiras teses versando sobre o assunto.

Um maior desenvolvimento do campo data do final do século passado e do início desse quando ocorre um aumento do número de cursos de pós-graduação e de grupos de estudos organizados em torno dos estudos medievais. Nesse sentido, podem ser citados os seguintes espaços: Laboratório de Estudos Medievais e Ibéricos (Coordenado por Vânia Leite Fróes na Universidade Federal Fluminense); o Programa de Estudos Medievais (PEM) que articula os trabalhos na Universidade de Brasília e na Universidade Federal de Goiás; o Programa de Estudos Medievais (PEM,

coordenado por Andréia Frazão da Silva e Leila Rodrigues e com pesquisadores de várias universidades); Laboratório de Estudos Medievais (LEME, coordenado por Marcelo Cândido da Silva e com pesquisadores de várias universidades); Núcleo de Estudos Mediterrâneos (NEMED, com sede na Universidade Federal do Paraná e articulando os trabalhos de Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação dessa Universidade). Também importante é a existência do Grupo de Estudos em Estudos Medievais criado na Anpuh/RS e relacionado ao ANPUH nacional visto ser esse um espaço de encontro e troca de experiência, bem como de visibilidade aos trabalhos para um público mais geral que se encontra nos Eventos da Associação Nacional de História. Além dos núcleos formados nessas universidades também deve ser citada como exemplo do crescimento dos estudos medievais no Brasil a publicação de livros, revistas e volumes temáticos relativos ao tema. E, para finalizar cabe citar ainda como exemplo da dinâmica dos estudos medievalistas no Brasil a organização da Associação Brasileira de Estudos Medievais (ABREM).

A partir do que foi dito até aqui se pode considerar que desde que a Idade Média começou a ser repensada pela historiografia contemporânea houve um processo de ampliação na sua conceituação bem como nos problemas investigados e nas fontes utilizadas para isso. Os novos estudos, tanto no plano internacional e no plano nacional deram um novo fôlego a esse campo de conhecimento, proporcionando assim um contínuo crescimento do mesmo além de um aumento do público interessado em temas medievais.

Mas retomando a questão inicial desse texto, o fato de ter havido essa renovação no campo dos estudos medievais (e de a mesma estar ainda em curso) muitas vezes não é essa “nova” Idade Média que encontramos circular nas falas daqueles que se remetem ao período chamado de Medieval, como já foi mencionado neste texto. Poder-se-ia perguntar então: por quê? Por que a Idade Média pensada e repensada por seus estudiosos ainda não tão conhecida quanto aquele modelo estereotipado estabelecidos pelos renascentistas e utilizado pelos iluministas? Por que também



é mais conhecida a versão romântica do que está mais “real”? As questões são muitas e da mesma forma são múltiplos os caminhos que poderíamos traçar para conhecer as causas desse problema que é a permanência do preconceito e do desconhecimento existente em relação à Idade Média.

Um dos caminhos que se pode escolher é aquele que nos leva à investigação das formas pelas quais a Idade Média tem sido pensada como parte dos currículos escolares e a partir daí como ela tem sido ensinada e apreendida pelos estudantes. E como tem sido trabalhada nos livros didáticos. Observar essa questão pode trazer a possibilidade de perceber eventuais lacunas no processo de ensino-aprendizagem desse campo de conhecimento bem como pode apontar caminhos a serem seguidos.

## **Observando a Idade Média em livros didáticos**

Pensar o ensino de História é refletir sobre diversas questões: as estratégias e objetivos dos professores e de seus planos de aula, os objetivos dos Parâmetros Curriculares Nacionais, os programas escolares de estados e municípios, os interesses de autores e editores de livros, as demandas e as respostas dos alunos/alunas aos temas e questões propostas, etc. Enfim pensar o ensino de História em qualquer um dos seus campos de conhecimentos é estar diante de um emaranhado de possibilidades de estudos. E um dos mais instigantes e polêmicos é justamente o estudo realizado a respeito dos livros didáticos.

Muito utilizado (e, portanto supervalorizado) por uns... mas renegado (e assim abandonado) por outros tantos... o livro didático é um dos instrumentos mais utilizados nas práticas cotidianas de ensino e a sua presença nas salas de aula tem um longa história. Não cabe aqui discutir em detalhes os encaminhamentos desse processo (o uso de livros didáticos em sala de aula), tampouco refletir sobre os trabalhos realizados para investigar os tantos

elementos presentes na produção, distribuição de livros didáticos, afinal essas questões transcendem as propostas deste texto. Para este estudo o que interessa mais especificamente é apontar questões no sentido de dar visibilidade aos temas que ora estão presentes nos livros que circulam nas aulas de História. Sobretudo é de interesse dessa investigação localizar a presença (ou não) dos debates em relação ao conceito de Idade Média e inventariar os principais temas referentes ao medieval presentes nos livros didáticos.

Para observar a presença dos temas relacionados à História Medieval em livros didáticos foram analisados os seguintes títulos: *Encontros com a História*, de Vanise Ribeiro e Carla Anastásia (Editora Positivo, 2006, 6ª série), *História*, de José Roberto Martins Ferreira (FTD, 1999, edição reformulada, 5ª Série) e *História e Vida Integrada*, de Nelson Piletti e Claudino Piletti (Editora Ática, 2001). A propósito, os mesmos foram selecionados na biblioteca de uma escola da rede pública de ensino da cidade de Florianópolis e de acordo com a sua bibliotecária já foram ou são utilizados naquela unidade escolar. Ou seja, são livros que foram aprovados pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) e pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD).

A primeira questão observada diz respeito ao conceito de Idade Média e algumas das perguntas a serem respondidas nesse caso são: os livros didáticos têm apresentado quais definições de Idade Média? E ainda, tem havido problematização a respeito dessa questão?

No livro intitulado *História*, de José Roberto Martins Ferreira tem-se a apresentação da Idade Média como uma “fase da História”. O autor faz a seguinte colocação no capítulo que introduz o período em questão e que tem o título de “Idade Média: o surgimento da sociedade feudal”:

Tradicionalmente, os historiadores denominam de Idade Média o período histórico que vai da queda do império Romano do Ocidente (476) à conquista de Constantinopla pelos turcos (1453). A Idade Média durou, portanto, cerca de 1000 anos. Essa denominação foi criada no século XVI. Os pensadores deste século julgavam estar vivendo uma outra época. (MARTINS, 1999, p. 122)

Pode-se perceber conforme citado que há uma preocupação em dizer que é a tradição da Historiografia que elegeu o período medieval como acontecendo entre 476 e 1453, contudo na definição desse autor fica pouco evidenciada uma apresentação mais crítica dessa escolha. Apesar de o mesmo informar que a denominação foi criada, não há qualquer referência ao por que isso aconteceu visto que não se explica por que os pensadores acreditavam estar em outra época. Sabe-se que esse julgamento de estar em outra época tem uma “razão”. Ou seja, não há problematização da opção pelo termo “Idade Média”, ou explicação de que ela significa um período intermediário. Ele destaca que o termo somente se refere à Europa ao dizer: “É sempre bom lembrar que essa divisão se aplica, basicamente, à história da Europa. Não podemos falar de Antiguidade nem de Idade Média no Brasil” (MARTINS, 1999, p. 122). Essa ênfase de que se trata de um período que basicamente se refere à Europa poderia ser classificada como um mérito... e não deixa de ser relevante. Entretanto deve-se considerar alguns pontos na informação contida nessa frase visto que ao mesmo tempo que a mesma informa a localização mais espacial do assunto não explica o porquê de a Idade Média apenas se referir à Europa. Em outras palavras, poder-se-ia ter usado essa oportunidade para tematizar com os leitores que os acontecimentos relativos à Idade Média são predominantemente europeus e que a nomenclatura é europeia. E que como definição de período histórico há no assunto um “problema”, que é como nos encaixar nesse estudo sobre o medievo.

Por sua vez no livro *Encontros com a História* as autoras procuram apresentar a Idade Média de modo a desconstruir mitos e estereótipos. Isso se percebe na apresentação da 1ª unidade do livro cujo título é “Fé, poder e sociedade”. As mesmas escrevem a seguinte introdução: “A maioria dos filmes e livros que se referem à Idade Média dão a impressão de que naquela época só havia reis, princesas, nobres, padres e castelos. Batalhas, torneios e festas” (2006, p. 6). Também se destaca o trecho onde o conceito de Idade Média é tematizado:

Muitos historiadores interpretaram o mundo medieval como uma época em que a humanidade regrediu [...]. Uma espécie de “idade das trevas” para o conhecimento ou “noite dos mil anos”. Essa imagem do período histórico europeu, compreendido entre os séculos V e XV, foi construída por estudiosos do século XVI que consideravam a Idade Média uma fase menos importante da História da Humanidade, quando o progresso científico e intelectual teria sido quase nulo. (RIBEIRO; ANASTÁCIA, 2006, p. 7)

Essa referência de que a Idade Média foi uma construção dos historiadores é bastante significativa, afinal apresenta aos leitores desse livro e aqueles que o usarão como material didático (no caso os alunos da 6ª série) a ideia de que a História é pensada pelos historiadores e que esses têm escolhas que muitas vezes acabam por criticar mitos sobre os períodos históricos, sobre o tempo e sobre as pessoas. É certo que apenas uma leitura do parágrafo citado anteriormente não possibilitaria essa versão crítica aos estudantes, mas certamente ajudaria e muito a colocar a questão em evidência. Ainda em relação a esse livro é importante ressaltar que as autoras também procuraram mostrar em seu texto que essa definição da Idade Média tem sido repensada. Isso aparece no seguinte trecho:

Essa visão preconceituosa atravessou vários séculos e durou até bem pouco tempo (final do século XX) quando historiadores, analisando novas fontes históricas e usando novas metodologias, realizaram estudos do período e mostraram uma outra visão da história medieval. [...] A História não é um conhecimento pronto e acabado. (RIBEIRO, ANASTÁCIA, 2006, p. 7)

No livro *História e Vida Integrada* o estudo sobre a Idade Média começa com capítulo chamado de Feudalismo. Esse é também o primeiro capítulo do livro. Os autores procuram iniciar a discussão “contextualizando” e de certa forma procurando aproximar o assunto dos leitores. E eles fazem isso perguntando: “Quem ainda não ouviu histórias de cavaleiros, princesas, castelos e florestas encantadas por fadas, magos e feiticeiras? Em sua grande maioria, o cenário dessas histórias é a Europa ocidental entre os séculos V e XV” (PILETTI, 2001, p. 9). Essa forma de chamar

à leitura pode sim surtir alguma identificação e também pode ser importante para estabelecer discussões sobre os saberes prévios dos estudantes, contudo não cabe o questionamento sobre as implicações dessa associação? Afinal, quando são listadas essas histórias de fantasia não estariam sendo colocados elementos fantasiosos sobre o assunto? Mais à frente essa discussão será retomada e será visto que muitas vezes os estudantes trazem esse tipo de visão sobre a chamada Idade Média acreditando na existência de dragões e fadas!

Ainda sobre o livro *História e Vida Integrada* cabe destacar que há preocupação dos autores em apresentar as balizas cronológicas que definem o período. Como se vê no trecho a seguir:

Essa época da História europa é chamada pelos historiadores de Idade Média. Seu início é marcado pela desagregação do Império Romano do Ocidente e pela invasão da Europa Ocidental por diversos povos de origem germânica. O final desse período é caracterizado pela conquista do Império Bizantino pelos turcos e pela chegada dos europeus à América. (PILETTI, 1999, p. 9).

Essa colocação parece ser feita para se enfatizar como se deu a nomenclatura Idade Média e quais os elementos utilizados para a sua definição. O que, por sua vez, pode ser lido na seguinte parte do texto.

A sociedade [...] era rigidamente hierarquizada e marcada pela fé em Deus e pelo controle da Igreja [...]. O poder político era descentralizado [...]. Por essas características muitos estudiosos acabaram chamando esse momento da história europa de Idade das Trevas. Eles acreditavam que o mundo medieval tinha soterrado o conhecimento produzido por gregos e romanos (PILETTI, 1999, p. 9).

O texto termina com considerações de que apesar de tal julgamento houve produção cultural na sociedade do período: “O certo é que durante esses mil anos a sociedade europa construiu grande parte de seus valores culturais” (p. 9). Mas é importante atentar que essa discussão assim como a de outros textos deixa margem a interpretações conflituosas sobre a Idade Média, além dos textos serem, de certa forma, complexos para alunos de 6ª série.

Certamente que não se espera que os estudantes decodifiquem sozinhos o que é poder centralizado, tampouco que o livro seja um guia exclusivo. Mas, considerando o seu papel de texto, não seria oportuna uma linguagem mais próxima e, no caso aqui discutido, não seria mais relevante buscar elementos da Idade Média para “apresentá-la” aos estudantes como um período da História que como outros tantos teve diversas características? Nesse sentido faz-se importante elencar os principais assuntos tratados nos livros analisados para acompanhar os desdobramentos de suas propostas de estudo da Idade Média.

O livro *História e Vida Integrada* dedica seis capítulos para o período medieval: “O Feudalismo, O Império Carolíngio, O poder da Igreja no Mundo Medieval, As cruzadas, A cultura medieval e O comércio e as cidades transformam a Europa”. Observando os títulos e especialmente seu conteúdo pode-se perceber uma tendência de estudo mais pautada nos fatos considerados mais relevantes do período e/ou em seus personagens. Um exemplo disto pode ser lido no item “Império Carolíngio” presente no capítulo dois do livro e que traz a descrição de Carlos Magno: “Carlos Magno assumiu o trono em 768 e, por suas realizações, é considerado o mais importante rei dos francos. Destacou-se por conquistas militares e pela organização administrativa implantada nos territórios sob seu domínio” (PILETTI, 1999, p. 19).

A tendência a trazer informações sobre fatos, pessoas e datas repete-se no capítulo que tematiza as Cruzadas. O acontecimento é narrado intercalando as razões do conflito e alguns dos envolvidos em seu desenvolvimento, como se vê nesses trechos:

[...] neste contexto surgiram as Cruzadas, uma espécie de guerra santa empreendida pelos católicos contra os muçulmanos que dominavam Jerusalém e outras regiões consideradas sagradas pelos cristãos no Oriente Médio. Foram realizadas ao todo oito Cruzadas, num período de cerca de duzentos anos. A primeira, organizada pelo papa Urbano II, obteve algum êxito (PILETTI, 1999, p. 30-32)

A ênfase sobre esses fatos pode ser entendida, afinal trata-se de informações importantes sobre o período em questão, mas a

abordagem, por outro lado, gera preocupação no que se refere ao despertar do interesse dos estudantes. Como se sabe estudar-aprender História implica a aproximação com o tema e isso muitas vezes se dá através do reconhecimento do que está sendo lido. E esse reconhecimento não parece ser possível apenas com a narrativa de fatos sobretudo esse relacionado a tempo e espaço tão distantes de alunos de 5<sup>a</sup> e 6<sup>a</sup> série do Brasil! O assunto voltará mais à frente, antes é importante observar o que trazem os outros livros.

O livro *História* traz a Idade Média em quatro capítulos: “Idade Média: o surgimento da sociedade feudal; Pobres Servos; Os poderosos senhores da guerra” e “O domínio da Cruz”. Nesse livro o que se constata é uma preferência por aspectos mais pontuais como as relações de trabalho, as relações pessoais e a questão cultural representada pela Igreja. Um exemplo se encontra no trecho que procura descrever a vida dos servos: “A vida dos servos não era nada fácil. Produziam tudo o que usavam. Se quisessem um casaco, teriam de plantar, colher, fiar tecer e costurar o linho. Eram eles que faziam as poucas coisas que possuíam” (MARTINS, 2001, p. 130). Poder-se-ia dizer que esse livro tem uma abordagem mais sucinta do assunto e que procura destacar aspectos cotidianos e que podem ser discutidos relacionando-as ao próprio viver dos estudantes. E isso pode ser descrito com um bom investimento no sentido de aproximar o ensino de história medieval.

Não pode deixar de ser mencionado que o autor traz uma preocupação (que pode ser percebida em todo o livro) de suscitar discussões sobre a exploração do trabalho e sobre as desigualdades sociais. É uma discussão contextualizada, pois ele informa lembrando que as relações de trabalho eram constituídas pelas crenças e valores daquele contexto. É importante ressaltar que esse posicionamento/explicação é importante porque permite discutir junto com os alunos que cada período tem suas questões específicas. Como se lê nesses trechos:

[...] (as) obrigações que o servo tinha com o seu senhor mostram que se tratava de uma relação de exploração. O senhor se apropriava dos frutos

do trabalho do servo. [...] Eles (os servos) viam a sua condição como natural. Sempre tinha sido assim, e sempre seria assim. Também viam a desigualdade social entre eles e os senhores como natural ou como fruto da vontade de Deus (MARTINS, 1999, p. 129-131).

O livro “Encontros com a História” entre os volumes analisados nesse texto é o que mais se posiciona nesse tipo de perspectiva e assim em vários momentos faz referência ao estudo da história como algo dinâmico e plural. A ideia apresentada é pautada na diferença e no entendimento que a história se faz a partir de mudanças e continuidades de costumes, valores, crenças, etc: “Nada se transforma de um dia para o outro e nem ao mesmo tempo. Alguns costumes e valores mudam e outros permanecem. Em certos lugares, isso ocorre de maneira mais rápida; em outros, mais lenta. [...] Cada realidade histórica que estudamos nasce tanto das mudanças quanto das permanências” (RIBEIRO, ANASTACIA, 2006, p. 27)

É nesse sentido, portanto que a Idade Média é tematizada pelas autoras Carla Anastácia e Vanise Ribeiro nos três capítulos do referido livro dedicados ao período medieval. Como elas escrevem: “Os estudos da Idade Média geralmente se referem à História da Europa, em particular à parte Ocidental. Mas não se pode generalizar os aspectos históricos de uma região para o restante do Planeta, pois cada lugar tem suas especificidades, sua história.” Assim na unidade chamada “Fé, Poder e Sociedade” estão presentes os seguintes capítulos: “O império de Alá, Entre a cruz e a espada” e “Novos tempos, novos processos”. E neles são encontrados estudos temáticos cujo recorte temporal e espacial procura apresentar a Idade Média relacionando-a a questões atuais. Isso é feito no primeiro capítulo onde se estuda o Islamismo. O estudo começa com um texto sobre a religião no Brasil (Alá também é brasileiro) passa pelas questões históricas (Islamismo: origem e fundamentos) e fecha a discussão com questões mais contemporâneas (Questões atuais e polêmicas do Islamismo e Fundamentalismo, o outro lado da moeda).

O capítulo chamado “Entre a Cruz e a Espada” traz as questões que poderiam ser chamadas de mais tradicionais no ensino de história medieval são eles: a formação dos reinos germanos,



o feudalismo e as relações de trabalho e também a expansão do Cristianismo e as cruzadas. As questões são tematizadas de modo objetivo e em textos onde as informações são relacionadas a aspectos cotidianos. A intenção parece ser a de proporcionar comparações entre os modos de vida. O texto “Cotidiano e Mentalidades” é um exemplo. E nele novamente se encontra a preocupação de apagar as versões mais fantasiosas sobre o período para estabelecer outras informações mais históricas: “[...] dezenas de filmes, contos e romances criaram uma imagem muito fantasiosa desse período [...] é possível com estudos e interpretações de documentos, traçar um retrato mais preciso dos modos de vida naquela época” (p. 37). Assim o texto em questão procura informar com dados históricos sobre os nascimentos, mortes, costumes [...] enfim, sobre a vida e faz de fato um retrato bastante interessante para o debate.

Até aqui foram colocadas questões relativas às propostas de estudo sobre a história medieval e foi observado de modo geral que as abordagens são diversificadas. Também são distintas as perspectivas dos autores que podem ser mais factuais ou procurar informações mais culturais. Uma questão os aproxima, que é a ênfase de que é preciso apostar na discussão relativa aos preconceitos e estereótipos que envolvem o período. A questão, como já mencionado aqui, é bastante recorrente e permeia o imaginário sobre o medievo. Nesse sentido e para investigar a presença ou não desse aspecto entre os estudantes de História bem como as formas como estes se apropriam das leituras dos livros didáticos e de suas aulas, procurei investigar os saberes de estudantes sobre o assunto. E assim, no tópico a seguir, são colocadas algumas das impressões de estudantes de História sobre o assunto Idade Média.

## O que dizem os estudantes sobre a Idade Média: a experiência de aprender História Medieval

Acreditando que aquilo que está no livro de algum modo perpassa o universo escolar poder-se-ia perguntar: como os estudantes têm “recebido” as definições do período histórico denominado Idade Média. E que impressões têm do período antes e durante o processo de ensino-aprendizagem? Além dos livros que outros recursos permeiam a construção de saberes sobre esse tema? Essas perguntas são algumas das que permeiam o “diálogo” estabelecido com estudantes de História...

Primeiro “falam” alunos e alunas da Escola Básica Municipal Luiz Cândido da Luz, escola da rede pública de ensino do município de Florianópolis. Esses alunos com idade entre 12 e 14 anos participaram no ano de 2008 de um projeto que englobava oficinas e outras atividades extraclasse desenvolvidas por alunos-estagiários e bolsistas de um projeto da Universidade do Estado de Santa Catarina. O objetivo desse trabalho era identificar como a linguagem dos jogos poderia contribuir como possibilidade didático-metodológica para o ensino de História e assim no seu percurso foram feitas algumas “conversas” com os alunos no sentido de verificar o seu entendimento a respeito da Idade Média. Para este texto foram procuradas falas em que os alunos fizessem alguma referência ao conceito de Idade Média.

Eis alguns exemplos de como eles “responderam” ao questionamento: “o que vocês sabem sobre o período medieval?”

[...] não tinha carro... era carruagem, não tinha soldados assim policiais, eram tudo com armadura, espadas, coisas assim e tinham lutadores que trabalhavam, as coisas eram diferentes (L. 14 anos).

[...] na Idade Média havia guerras e que eles lutavam a mando de seu rei para, sei lá, tipo, conquistar outro reinado (J. 12 anos).

Os cavaleiros eram derrotados e lutavam por terras, os reis eram as pessoas de grande poder que decretavam as leis e outras coisas, os castelos eram grandes palácios de posse dos reis e etc. (L. 14 anos).

Nas respostas desses estudantes surge uma Idade Média bastante estereotipada: castelos, guerreiros, reis, etc. O que confirma, portanto, que a imagem deturpada do período, como alertam os pesquisadores do assunto e como está presente nos textos didáticos, faz parte também do universo escolar. Assim como informam os mesmos é necessário discutir ainda mais o período trazendo para a construção dos saberes escolares outras imagens sobre esse período. Certamente não é necessário esperar de alunos de 5<sup>a</sup> ou 6<sup>a</sup> série uma visão crítica do período ou questionamento à historiografia, mas por outro lado também não se pode compactuar com a visão idealizada e banalizada. Afinal muitas vezes essas definições sobre guerreiros e castelos podem aparecer ao lado de relatos sobre uma Idade Média repleta de dragões!

Sublinha-se, com isso, outro ponto: além dos conhecimentos adquiridos na escola os estudantes formam os seus imaginários com as imagens apresentadas nos filmes, nos jogos, na internet, etc. E esses necessitam de um maior aporte para, a partir do confronto, entender e interpretar a Idade Média que de fato aconteceu: aquela que está nos livros ou aquela dos jogos de computador. Ou seja, a partir do exposto aqui – pesquisa nos livros e fala de estudantes – sabe-se que existem dois mundos em relação à Idade Média. Um seria aquele dos livros, das aulas: onde se fala de produção de ideias, de invenções historiográficas etc., e outro construído a partir da vivência dos estudantes com suas experiências pessoais frente a TV/Computador/Cinema e que muitas vezes não está “de acordo” com a História.

É importante ressaltar que essa forma de entendimento (com mal-entendidos, estereótipos e banalizações) do período medieval não é uma questão exclusiva dos nossos bancos escolares. No livro intitulado *Idade Média: O que não nos ensinaram*, Régine Pernoud traz o relato de um episódio envolvendo seu sobrinho e uma aula de História sobre o período medieval. Ela cita um diálogo entre a professora e seus alunos:

A professora: Como se chamavam os camponeses na Idade Média?

A classe (em coro): Chamavam-se servos.

A professora: E que é que eles faziam? Que é que eles tinham?

A classe: Tinham doença.

A professora: Que doenças, Jérôme?

Jérôme (grave): A peste.

A professora: E mais, Emannuel?

Emannuel (entusiasta): A cólera.

A professora: Vocês sabem muito bem a lição de História, concluiu placidamente. Passemos à Geografia... (PERNOUD, 1994 )

A conclusão de Pernoud sobre esse episódio é a de que apesar dos tantos esclarecimentos e reiterados esforços historiográficos sobre o período medieval a banalização persiste fazendo com que o assunto seja simplificado ou considerado aprendido, como no episódio narrado. E por conta disso é relevante observar o assunto de forma a desconstruir os mitos que são relacionados até ele. E neste sentido as possibilidades são muitas. Uma delas está no investimento sobre a formação de professores e nos cursos de licenciatura.

Pensando nessa questão como professora de História Medieval durante dois semestres na Universidade do Estado de Santa Catarina procurei mesclar os estudos dos temas relacionados ao período medieval com o ensino de História. Ou seja, empreendi trabalho para tematizar o mundo medieval, mas, relacionando-os às formas como poderiam ser levados à sala de aula. Antes da realização do trabalho a turma respondeu um questionário que procurava inventariar os saberes dos alunos sobre Idade Média. O objetivo era diagnosticar que memórias esses alunos e alunas traziam das experiências anteriores de ensino da história medieval. A primeira questão a ser respondida dizia respeito ao conceito de Idade Média e lhes foi pedido para escrever uma definição do mesmo. Em seguida foi perguntado se eles sabiam que a nomenclatura do período foi produzida historicamente. Além dessas questões foi solicitado que eles/elas listassem, por ordem de memória, os fatos e personagens do mundo medieval.

Para o questionamento a respeito do conceito de Idade Média as respostas foram muito semelhantes e fundamentadas cronologicamente. Eis alguns exemplos:

Idade Média, metade entre antiguidade e moderna (M. 18 anos).

O período estende-se desde a queda de Roma até a tomada de Constantinopla pelos turcos, passando pela formação dos reinos bárbaros (M.P. 18 anos).

Teve início com a queda do império romano em 476 e teve fim com a queda de Constantinopla em 1453 (M. 17 anos).

Algumas das respostas eram completadas com textos mais elaborados em que o autor parece querer colocar seus saberes mais críticos:

Geralmente associado a um declínio nas áreas de produção humana – arte, literatura – ganha então o apelido pejorativo de idade das trevas e tem características marcantes como o feudalismo, forte religiosidade, sociedade estamental (L. 18 anos).

[...] chamado de período das trevas (J. 18 anos).

A partir das respostas dadas a esses questionamentos em relação ao conceito de Idade Média pode-se assinalar que há difusão de uma crítica aos estereótipos construídos sobre a referida época. Contudo as causas dessas definições pejorativas não aparecem nas respostas dadas ao questionário a pergunta: “você sabe quando foi criado o conceito de Idade Média e por quê?”. A isto alguns deles responderam:

Sei que foi produzido mas não tenho conhecimento como e por que (P. 18 anos).

[...] Tenho consciência mas não aprofundamento do tema (J. 18 anos).

[...] não me recordo exatamente. Tenho a impressão de ser uma concepção francesa de influência iluminista” (M, 17 anos).

De acordo com o lido percebe-se novamente que o conceito de Idade Média, ou melhor, que o fato deste ter sido pensado e produzido num determinado momento histórico e com certas intenções ainda não alcançou uma maior popularização. Os esforços dos historiadores em trazer a questão para uma revisão, portanto, devem continuar sobretudo para que o ensino de história medieval não se torne algo banalizado e/ou idealizado.

## Considerações finais

No texto “Repensando a Idade Média no ensino de História”, José Rivair Macedo concluiu que os estereótipos relacionados ao período medieval explicam muito do fascínio existente sobre essa época. Na verdade, os mitos e as lendas sobre fadas, elfos e dragões, de acordo com ele, são pretextos para uma criação ficcional da Idade Média que serve para entreter e divertir (1999, p. 110). No mesmo texto ele diz ainda que a Idade Média dos historiadores não é a mesma que a ensinada nas escolas (1999, p. 112). E lançava a seguinte questão: qual o lugar da escola no ensino de história medieval? Ele escreve: “caberia perguntar qual Idade Média vem a ser divulgada nos bancos escolares e qual a pertinência de seu ensino num país como o Brasil, que não participou diretamente de uma experiência histórica propriamente medieval” (1999, p. 111).

A resposta a esse questionamento certamente não é fácil ou simples de encontrar. Assim como outros temas relativos à História, o ensino de História Medieval encontra muitos opositores ou questionadores à sua necessidade. E estes podem ser encontrados entre alunos do ensino fundamental que podem perguntar por que estudam “esse tal de feudalismo”? Ou entre os próprios professores que procuram meios de aproximar suas aulas dos temas medievais. Ou ainda junto aos acadêmicos de História. Aliás, certa vez, quando realizava um trabalho com acadêmicos da 2ª fase com livros didáticos onde pesquisávamos que temas do mundo medieval eles traziam, fui questionada sobre quando realmente começaríamos a estudar Idade Média. Essa confusão do que se deve ou por que se deve estudar história medieval é corrente e na verdade relevante, pois quando se questiona se procuram caminhos e essa busca de como fazer parece ser importante no caso aqui analisado.

De acordo com os “Parâmetros Curriculares Nacionais” no ensino de História os eventos não devem ser estudados isoladamente, pelo contrário, devem ser priorizados os estudos

sobre as relações entre os eventos, as rupturas e continuidades nas ações humanas e sobre os próprios sujeitos. E isso é importante também para o ensino de História Medieval. Afinal não há qualquer documento que diga ao professor você deve ensinar o feudalismo ou as cruzadas. Ou seja, os fatos em si não são o mais importante e não são eles, portanto, que devem ser buscados ou ensinados. E isso “facilita” muito as coisas! Mas não significa que isso já está sendo feito por todos...

Como visto nos livros analisados, existem diferentes formas de apresentar os temas relativos à Idade Média. Enquanto alguns autores são mais factuais e historiográficos, outros optam por apresentar as questões mais culturais. E isso repercute na fala dos alunos em que muitos se lembram de uma Idade Média construída historicamente e onde outros se reportam mais a lendas e mitos.

Procurando caminhos para o ensino de história medieval nas escolas, José Rivair Macedo propõe uma “descolonização” do ensino da Idade Média. De acordo com ele, como a história medieval diz respeito mais efetivamente à história da Europa (ou melhor, de parte do continente europeu), quando ela é ensinada sem se mencionar que não é algo hegemônico caímos em erro. Uma atitude introdutória e relevante seria “reconhecer identidades em geral deixadas por nós em segundo plano (p. 115). Uma das que deveriam ser reconhecidas como parte do mundo medieval e que daria outra dimensão a esse estudo no Brasil é a Ibérica. Para R. Macedo: “A ênfase no ensino de aspectos históricos da Península Ibérica teria muito mais propriedade educativa do que o ensino da História modelada na França ou na Inglaterra, pelo simples fato de que pertencemos a um conjunto cultural específico, no caso, o ibero-americano” (p. 116).

Além dessa abordagem cabe ressaltar alguns apontamentos desse autor para a escolha de recursos para o ensino de História. O emprego de imagens, de filmes e de textos literários é, além de bem-vindo, necessário para o estudo da Idade Média. Refletindo com o legado cultural do período e usando-o, na medida do possível,

os estudantes certamente teriam um enriquecimento em seus saberes e na manipulação de informações. Aliando-se nessa perspectiva é fundamental destacar que o ensino de História Medieval faz parte do ensino de História e como tal deve estar nos bancos escolares construindo saberes e proporcionando visões sobre o passado e o presente.

Este texto procurou discutir como esse assunto está presente nos livros didáticos e como os seus textos repercutem nas falas dos estudantes. O que se percebeu foi a diversidade de temas e a necessidade de ajustes nos livros. Não se considera aqui que eles serão os únicos a informar os alunos, mas como são importantes referenciais podem ser construídos de outras maneiras e com outros assuntos. Também se percebeu que as visões dos estudantes sobre a época medieval são distintas e são construídas além do universo escolar. Como importante parte do universo de saberes históricos o assunto mundo medieval intriga, instiga e impressiona... e essa sedução que é antes de tudo histórica deve receber atenção!

## Referências

AMALVI, Christian. Idade Média. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. (Dir.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru: EDUSC, 2002.

FRANCO Jr., Hilário. *A Idade Média: nascimento do ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 2001.

\_\_\_\_\_. BASTOS, Mário Jorge. *L`Historie du Moyen Age au Brésil*. Disponível em <http://www.abrem.org.br/Auxpublifinaldoc.pdf>. Acesso em 10 jul. 2009.

LE GOFF, Jacques; MONTREMY, Jean-Maurice de. *Em busca da idade média*. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

\_\_\_\_\_. *Uma longa Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.



MACEDO, José Rivair. *Os Estudos Medievais no Brasil*: Tentativa de síntese. Disponível em <http://www.portal25.com/ufrgs/docs/estmed-brasil.doc>. Acesso em 10 jul. 2009.

\_\_\_\_\_. Repensando a Idade Média no Ensino de História. In: KARNAL, Leandro. (Org.). *História na sala de aula*. Conceitos, práticas e propostas. São Paulo: Contexto, 1999.

MARTINS, José Roberto. *História*. 5ª Série. São Paulo: FTD, 1999.

PERNOUD, Regine. *Idade Média: o que não nos ensinaram*. 2 ed., rev. Rio de Janeiro: AGIR, 1994.

PILETTI, Nelson; PILETTI, Claudino. *História e Vida Integrada*. 6ª Série. São Paulo: Ática, 2001.

RIBEIRO, Vanise; ANASTASIA, Carla. *Encontros com a História*. 6ª série. Curitiba: Editora Positivo, 2006.

